

JOÃO FILIPE MARQUES
TERESA RODRIGUES
ANA RITA CRUZ

Introdução à Sociologia do

Lazer e do Turismo



EDIÇÕES SÍLABO

*As pessoas conseguem sobreviver a tudo, menos
ao quotidiano.*

Rui Zink, *O Destino Turístico*

INTRODUÇÃO À SOCIOLOGIA DO LAZER E DO TURISMO

JOÃO FILIPE MARQUES
TERESA RODRIGUES
ANA RITA CRUZ

EDIÇÕES SÍLABO

É expressamente proibido reproduzir, no todo ou em parte, sob qualquer forma ou meio gráfico, eletrónico ou mecânico, inclusive fotocópia, este livro. As transgressões serão passíveis das penalizações previstas na legislação em vigor. Não participe ou encoraje a pirataria eletrónica de materiais protegidos. O seu apoio aos direitos dos autores será apreciado.

Visite a Silabo na rede
www.silabo.pt

Os autores são investigadores do



FICHA TÉCNICA:

Título: Introdução à Sociologia do Lazer e do Turismo
Autores: João Filipe Marques, Teresa Rodrigues, Ana Rita Cruz
© Edições Silabo, Lda.
Capa: Pedro Mota
1ª Edição – Lisboa, maio de 2025.
Impressão e acabamentos: ARTIPOL – Artes Tipográficas, Lda.
Depósito Legal: 548629/25
ISBN: 978-989-561-424-0



Editor: Manuel Robalo

R. Cidade de Manchester, 2
1170-100 Lisboa
Tel.: 218130345
e-mail: silabo@silabo.pt
www.silabo.pt

Índice

ÍNDICE DE FIGURAS E TABELAS	9
PREFÁCIO	11
Capítulo 1 – Viagens contemporâneas com mapas antigos – A herança disciplinar de oitocentos e os dilemas atuais	15
1.1. A «indisciplina» do turismo. Reflexão em torno da autonomização disciplinar dos estudos sobre o turismo ...	15
1.2. A «filha enjeitada» da Sociologia. Sociologia do lazer ou <i>leisure studies</i> ?	17
Capítulo 2 – Fazer as malas – Algumas definições operatórias iniciais	21
2.1. Recreação, tempo livre, lazer	21
2.2. Turismo	22
2.3. Turista	23
Capítulo 3 – Passeios perto de casa I – Percurso pela história das concepções de lazer	25
3.1. A herança greco-romana	27
3.2. O período medieval: <i>vita ativa</i> e <i>vita contemplativa</i>	29
3.3. Ética protestante, trabalho incessante	30
3.4. Da promessa de uma «sociedade do lazer» ao advento da «qualidade de vida»	34

Capítulo 4 – Passeios perto de casa II – Entre o «outro» do trabalho e o lazer sério como fonte da felicidade	37
4.1. Do lazer casual à perspetiva do lazer sério	41
4.2. Bem-estar, felicidade e <i>flow</i>	48
Capítulo 5 – <i>Ladies and gentlemen, this is the captain speaking!</i> – Breve viagem pela história do turismo	53
5.1. A idade clássica das viagens (que não são ainda «turismo»): da Antiguidade à primeira metade do século XVIII	54
5.2. Do <i>Grand Tour</i> à «invenção» da praia (séculos XVII a XIX)	58
5.3. A Revolução Industrial e a grande clivagem entre trabalho e lazer	61
5.4. Das «invenções» de Thomas Cook às viagens transatlânticas: o início do turismo moderno	62
5.5. O turismo no início do século XX	64
5.6. O turismo depois da II Guerra Mundial	65
5.7. Fatores responsáveis pelo advento do turismo de massas	66
Capítulo 6 – Aterragem e recolha das bagagens – Trajeto(s) e objeto(s) da Sociologia do Turismo	73
Capítulo 7 – De mapa na mão e nariz no ar – Das definições «estatísticas» às definições sociológicas: o que é sociologicamente o turismo e quem é sociologicamente um turista?	79
7.1. Turismo: definições sociológicas	79
7.2. Quem é «turista» para a sociologia?	81
Capítulo 8 – Ver a vida dos outros – Dos pseudoeventos de Boorstin à autenticidade existencial de Wang, com paragens na autenticidade encenada de MacCannell e na autenticidade construída de Cohen	89

Capítulo 9 – <i>Vamos a la playa!</i> – Liminaridade e <i>communitas</i> na experiência turística	101
Capítulo 10 – Coisas de que toda a gente fala – «Cultura» e «criatividade»	111
10.1. O turismo cultural: conceptualização e representatividade atual	112
10.2. A evolução do turismo cultural e a emergência do turismo criativo	115
10.2.1. Do consumo baseado nas necessidades básicas às necessidades criativas	115
10.2.2. Da produção de bens à partilha de experiências	116
10.2.3. Do turismo de massas ao turismo cultural e ao turismo de nicho	116
10.2.4. A criatividade como alavanca de desenvolvimento económico e territorial	117
10.3. A simbiose entre turismo, cultura e criatividade	120
10.3.1. Os benefícios económicos	120
10.3.2. Reavivar o património	121
10.3.3. Criatividade e inovação	121
10.4. O futuro das relações turismo-cultura-criatividade	122
Capítulo 11 – <i>Hosts & guests</i> – Encontros e desencontros entre turistas e autóctones	127
Capítulo 12 – Uma «indústria» não poluente? – Os impactos do turismo	133
12.1. Os impactos socioeconómicos	134
12.2. Os impactos socioculturais	139
12.3. Um efeito particular do turismo: a «mercadorização» da cultura	143

12.4. Os impactos socioambientais	146
12.4.1. Os impactos socioambientais negativos	147
12.4.2. Os impactos socioambientais positivos	148
Capítulo 13 – No voo de regresso a casa – O turismo e a sustentabilidade: uma articulação fundamental	151
Capítulo 14 – Já em casa, a pensar noutras viagens – Novas direções da Sociologia do Lazer e do Turismo	159
BIBLIOGRAFIA	165

Índice de figuras e tabelas

FIGURAS

Figura 1. Tipologia das atividades de lazer na Perspetiva do Lazer Sério	38
Figura 2. Esquema do espaço-tempo turístico	98
Figura 3. Tendências catalisadoras da emergência do turismo criativo.	116
Figura 4. Tipologia de turistas segundo Smith (1977)	124

TABELAS

Tabela 1. Características do lazer sério	41
Tabela 2. As oito componentes da experiência de <i>flow</i>	46

Prefácio

Faz sentido nestes dias de voragem comunicacional publicar um manual académico? Depende. Depende se propicia ao leitor uma visão clara das questões em análise, seja para iniciados no tema ou para especialistas em momento de «revisão da matéria».

Esta Introdução à Sociologia do Lazer e do Turismo tem todos os ingredientes que justificam a sua publicação. Pela actualidade das questões que discute, pelo ângulo que o autor João Filipe Marques, em colaboração com Teresa Rodrigues e Ana Rita Cruz, escolhe, mas também pelo estímulo que representa, recorrendo à longa duração histórica e à especificação de casos e exemplos actuais relevantes, com foco prioritário na região do Algarve.

A importância das questões analisadas é indiscutível. Os autores dão-nos conta da ligação óbvia, mas nem sempre aprofundada, entre o fenómeno alargado do lazer e o crescimento do turismo nas suas múltiplas modalidades. Fazem-no sociologicamente, com o rigor que se exige, mas estruturando o texto num ritmo original, ao longo de sucessivos capítulos, que se assemelha ao que seria a preparação e a concretização de uma viagem de turismo.

Este livro desafia-nos a pensar de forma reflexiva e relacional, mais como leitores distanciados do fenómeno e menos como potenciais turistas. A argumentação seguida pelos autores centra-se na análise do processo de libertação de tempo do *tempo de trabalho* e de como com a maximização contemporânea da disponibilidade de *tempo livre* assim libertado se estrutura este fenómeno massificado. Numa frase, a constituição do universo turístico é o resultado do processo de industrialização do tempo livre.

Este processo associa-se antes de tudo à oportunidade de viajar e coloca nas sociedades em que se generaliza o direito ao descanso uma pressão significativa sobre a organização do tempo e das formas de

trabalho, orientando o tempo libertado do tempo de trabalho para o usufruto lúdico desse tempo e para a viagem segura e prazenteira. Para dar resposta a este desafio, encontra-se montada nos nossos dias a nível global uma mega-estrutura de serviços em rede que oferece todos os lugares do mundo como destinos preparados para corresponder aos desejos mais variados dos consumidores turísticos. O turismo é uma das formas principais de mobilidade dos nossos dias, competindo com as migrações económicas, políticas e ambientais, quer no número de quantos se deslocam por ano, quer nos lugares onde chega. Por terra, pelo mar e pelo ar, cruzam-se populações em processos distintos de circulação, de forma permanente ou, no caso do turismo, temporária.

Não sendo um fenómeno novo, como bem explicam os autores, a extensão do lazer *turistificado* atinge hoje a plenitude, estendendo-se sem limites, aos territórios das cidades, dos campos, das frentes de água (mar, rio, lagos), das montanhas, contribuindo inevitavelmente para o conflito aberto entre residentes, turistas, autoridades públicas e privados e agentes da defesa ambiental.

A transformação tecnológica nos transportes e nas comunicações e o volume destas circulações, assim como a concretização do direito de muitos trabalhadores ao tempo livre e o valor atribuído ao contacto com outras sociedades e culturas, promove esta dinâmica e enfatiza o interesse económico da actividade turística e a estruturação de um mercado de trabalho e imobiliário para responder a esta oportunidade de valorização territorial tão precária na sua garantia de continuidade como interessante na capacidade de diferenciação que cada país, cada região consegue. Procura-se para cada lugar aquilo que o distingue.

E se o turismo, resultado do tempo de lazer, é apreciado por uns (os turistas) por outros é visto como um peso acrescido que afecta o seu quotidiano (os residentes). A uns, leva a equacionar a sua sustentabilidade, mas aos viajantes regressados da experiência turística leva a pensar nas novas experiências, nos novos lugares a usufruir. E por entre estes vários posicionamentos segue a reflexão e o debate sobre um assunto que marca profundamente o futuro das nossas sociedades e do nosso planeta.

Por fim, voltamos a salientar que a publicação de trabalhos como este continua a fazer todo o sentido enquanto divulgação científica a

partir da produção do conhecimento de qualidade, em particular num tempo em que a circulação da informação se faz sem fronteiras. Cabe às Universidades a obrigação de contribuir decididamente para dar acesso a material que resulte de investigação comprovada, continuando a formar as novas gerações na base do rigor e sem esquecer que se trata de serviço público que fica disponível a todos os interessados. É fundamental apostar numa atitude reflexiva face à inundação de informação de duvidosa qualidade com que todos os dias somos confrontados.

Luís Baptista

Professor Catedrático de Sociologia na Universidade Nova de Lisboa

Capítulo 1

Viagens contemporâneas com mapas antigos

A herança disciplinar de oitocentos e os dilemas atuais

1.1. A «indisciplina» do turismo. Reflexão em torno da autonomização disciplinar dos estudos sobre o turismo

O mapa disciplinar das Ciências Sociais que herdámos do século XIX, parece-nos hoje obsoleto. Esbateram-se ou desapareceram as fronteiras epistemológicas entre diversas disciplinas – como ocorreu entre a Antropologia e a Sociologia – algumas disciplinas desapareceram ou tornaram-se praticamente auxiliares – como a Demografia – disciplinas novas emergiram e autonomizaram-se como, por exemplo, os Estudos Culturais (*Cultural Studies*).

Exige-se, hoje, para as Ciências Sociais, a adoção generalizada de perspetivas interdisciplinares e multidisciplinares e é neste contexto que tem vindo a ser advogada a substituição da divisão disciplinar do conhecimento por uma divisão essencialmente «temática». Exemplo desta tendência pode ser encontrado nos *Estudos de Género*, que aglutinam, sob esta designação, as perspetivas sociológicas, antropológicas, históricas, etc.

O mesmo processo parece estar a ocorrer com os estudos sobre o turismo, embora não sem alguma tensão. Daí os sugestivos títulos dos artigos com mais de vinte anos como «A indisciplina do Turismo»¹ ou «O dilema disciplinar dos estudos turísticos»². O número significativo de periódicos e de eventos científicos como conferências e congressos nacionais e internacionais de cariz interdisciplinar dedicados ao turismo, bem como a existência de formações ao nível de Licenciatura, Mestrado e Doutoramento genericamente designadas por «Turismo», parecem reforçar a ideia de que este campo de investigação e ensino poderia, em breve, vir a autonomizar-se das disciplinas oitocentistas que lhe deram origem.³ Tratando-se de um «fenómeno social internacional»,⁴ os estudos sobre turismo (ou os neologismos «turologia» ou «turismologia») englobariam, doravante, a Economia do Turismo, a Sociologia e Antropologia do Turismo, o Desenvolvimento dos destinos turísticos, *Marketing* Turístico, os estudos sobre a hotelaria e hospitalidade, a Etnografia, etc.

O que é igualmente pertinente e merece referência é o facto de a perspetiva disciplinar preponderante que é dada nas diversas formações em Turismo depender com frequência do departamento em que estas nasceram e não de imperativos estritamente epistemológicos. Para usar apenas exemplos muito próximos: a Licenciatura em Turismo da Universidade de Évora nasceu no Departamento de Sociologia, tendo ficado, desde a sua origem, marcada pela perspetiva sociológica, enquanto a Licenciatura da Universidade do Algarve com a mesma designação, tendo nascido na Escola Superior de Gestão Hotelaria e Turismo e estando ligada à formação em Gestão de Empresas, parece mais virada para a gestão de organizações turísticas. O Programa de Doutoramento em Turismo da Faculdade de Economia da Universidade do Algarve, por seu turno, foi inicialmente muito marcado pela Economia do Turismo e só recentemente começou a ministrar conteúdos da área das outras Ciências Sociais, e assim sucessivamente.

(1) Tribe, 1997.

(2) Echtner & Jamal, 1997.

(3) A propósito da emergência do turismo enquanto campo científico autónomo, ver Jafari (2001).

(4) Como o classificou Marie-Françoise Lanfant (1978), a partir do conceito de Marcel Mauss de «Facto Social Total».

Com efeito, embora haja quem advogue a autonomização «forte» dos estudos sobre o turismo – *i.e.* quem defenda que o turismo deve ser tratado como uma área científica, dotada de autonomia disciplinar – essa posição não está imune à controvérsia e continua a haver quem defenda que se trata de um fenómeno multidimensional que deve ser analisado estritamente a partir da perspectiva disciplinar das diversas Ciências Sociais: Sociologia, Antropologia, Economia, Geografia etc. Esta é precisamente a posição que se advoga neste livro, não obstante dever deixar-se espaço para que os leitores encontrem o seu próprio posicionamento.

Todavia, parafraseando um dos fundadores da Sociologia do Turismo, pode afirmar-se, não sem algum despudor, que o tratamento sociológico do turismo tem, provavelmente, contribuído mais para o estado atual do conhecimento do que qualquer outra disciplina¹!

LEITURAS COMPLEMENTARES

Salgado, M., Lemos, F., Costa, C. e Silva, J. (2017). Epistemologia e educação em Turismo: Ensino superior português. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 1(27/28), 1853-1863.

Marujo, N. (2013). A Sociologia do Turismo na Educação Superior em Portugal, *Turismo & Sociedade*, Curitiba, 6, (3), 490-507.

1.2. A «filha enjeitada» da Sociologia.

Sociologia do lazer ou *leisure studies*?

O lazer constitui um fenómeno extraordinariamente multifacetado que inclui aspectos como o uso do tempo e dos recursos naturais, a posse ou despossessão dos vários tipos de capital, as relações de poder e a identidade, o consumo dos media e do mundo digital que levanta questões ligadas à justiça, à moral, à emancipação e à alienação, à (des)igualdade, ao sentido da vida, etc. O que significa que uma única disciplina dificilmente seria capaz de abarcar todas as dimensões que, contemporaneamente, o lazer e as atividades humanas a ele associadas assumem.

⁽¹⁾ Dann, 2005.

Com efeito, o processo de desenvolvimento e consolidação da Sociologia do Lazer é algo *sui generis*. Apesar de nascida no seio da Sociologia pela mão de Thorstein Veblen, através do conhecido ensaio de 1899, *A teoria da classe do lazer*¹ e de alguns tímidos desenvolvimentos ocorridos durante a primeira metade do século XX, a Sociologia do Lazer parece ter sido «enfeitada» pela disciplina mãe.² O argumento desta tese é o de que, do ponto de vista temático e teórico, a Sociologia *main stream* raramente se preocupou com as questões do lazer, pois os fenómenos sociais «problemáticos» – como as desigualdades, o poder, o trabalho, etc. – sempre pareceram ter mais importância aos olhos dos sociólogos do que as «trivialidades hedonísticas».³ Também do ponto de vista organizacional, se verifica esta tese: a Sociologia do Lazer não aparece ligada à Sociologia, uma vez que a maior parte das Faculdades, Departamentos e graus académicos em Sociologia, não contemplam a presença de subdisciplinas dedicadas ao lazer. Pelo contrário, os sociólogos do lazer parecem ter encontrado o seu lugar em departamentos universitários normalmente designados por Estudos sobre o Lazer, Lazer e Recreação, Desporto e Recreação etc., onde trabalham lado a lado com psicólogos, economistas, geógrafos, etc., ou até com técnicos de turismo e das mais variadas práticas terapêuticas.

Mas, apesar de «enfeitada pela mãe», a perspetiva sociológica sobre o lazer não morreu, bem pelo contrário, pôde precisamente amadurecer e desenvolver-se no interior do campo interdisciplinar também em processo de autonomização que tem vindo a ser designado por Estudos sobre o Lazer (*Leisure Studies*). A Sociologia do Lazer que se tem desenvolvido no seu seio, tem vindo a produzir uma base conceptual sólida baseada numa intensa investigação empírica, bem como na colaboração interdisciplinar a que foi condenada. Pode mesmo afirmar-se que, atualmente, muitos dos conceitos e contributos da perspetiva sociológica sobre o lazer são transdisciplinares e partilhados de forma interativa com áreas vizinhas como a Psicologia, a Antropologia, a Ciência Política, etc.⁴

(1) Veblen, 2018 (1ª Ed., 1899).

(2) Expressão de Robert Stebbins, 2018.

(3) Stebbins, 2018: 44.

(4) Stebbins, 2018.



João Filipe Marques é doutor em Sociologia pela École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris e mestre e licenciado em Antropologia pela Universidade Nova de Lisboa. É professor associado com agregação na Faculdade de Economia da Universidade do Algarve e investigador integrado do Centro de Investigação em Turismo, Sustentabilidade e Bem-Estar (CinTurs) onde coordena a área Turismo, Lazer e Sociedade. Ensina Ciências Sociais e Teorias Sociológicas no Ensino Superior Universitário há mais de três décadas e tem investigado e publicado nas áreas da Sociologia do racismo, das relações interétnicas e da discriminação no ensino superior. Entre os seus interesses científicos atuais inclui-se a abordagem sociológica do turismo, das viagens e do lazer, pelo que tem vindo, na última década, a ensinar, refletir e a publicar sobre estes temas. É também, atualmente cocoordenador da secção temática Sociologia do Turismo da Associação Portuguesa de Sociologia.



Teresa Rodrigues é mestre em Sociologia e doutoranda em Turismo na Faculdade de Economia da Universidade do Algarve, onde integra a Rede de Estudantes de Doutoramento do Centro de Investigação em Turismo, Sustentabilidade e Bem-Estar (CinTurs). Desenvolve investigação nas áreas da sociologia positiva, sociologia das viagens e do turismo, lazer sério, turismo em autocaravana e viagens transformadoras. É também professora no ensino básico e secundário. Tem artigos publicados em revistas científicas internacionais e tem participado em conferências nacionais e internacionais.



Ana Rita Cruz é professora auxiliar na Faculdade de Economia da Universidade do Algarve, doutora em Turismo, mestre em Gestão e Desenvolvimento de Destinos Turísticos e licenciada em Sociologia. É investigadora no Centro de Investigação em Turismo, Sustentabilidade e Bem-estar (CinTurs) e no Centro de Estudos sobre a Mudança Socioeconómica e o Território (DINÂMIA'CET-ISCTE), onde estuda a relação entre turismo e cultura e os impactos socioeconómicos que resultam desta atividade na sociedade. Os resultados da sua investigação têm sido publicados em revistas científicas e apresentados em conferências nacionais e internacionais, contribuindo para a reflexão sobre um modelo de turismo mais sustentável.

Como evoluíram historicamente as conceções sobre o lazer e o tempo livre? Que tipos de lazer coexistem na sociedade contemporânea? Como evoluiu o turismo de massas? De que forma têm as Ciências Sociais interpretado as atividades de lazer e, especificamente, o turismo enquanto fenómeno associado à mobilidade geográfica? Quais são os principais efeitos socioculturais da atividade turística? Que impactos tem o turismo na vida urbana? Estas são algumas questões, entre muitas outras, às quais este livro dá respostas.

Escrito por especialistas na área, numa linguagem clara e acessível embora sem cedências às exigências de rigor, *Introdução à Sociologia do Lazer e Turismo* conduz o leitor por uma interessante viagem pelas principais etapas, conceitos e paradigmas da investigação sociológica sobre o lazer e o turismo.

Destinado a estudantes do ensino superior nas áreas das Ciências Sociais – como Sociologia, Antropologia, Geografia e Turismo –, esta obra é igualmente relevante para profissionais do setor turístico e para todos os que, por interesse pessoal ou profissional, desejam compreender melhor os impactos sociais, culturais e urbanos do lazer e do turismo na sociedade contemporânea.

Num tempo em que o turismo é visto simultaneamente quer como um motor de desenvolvimento económico, quer como uma fonte de tensões e objeto de críticas sociais, este livro revela-se especialmente atual e necessário. É uma leitura essencial para pensar criticamente os desafios e oportunidades que o lazer e o turismo colocam à vida em sociedade.

ISBN 978-989-561-424-0



9 789895 614240

108